

**INFÂNCIA E ESCOLA NAS MEMÓRIAS DE PROFESSORAS: Pistas
para a escrita da história da educação piauiense**

**CHILDHOOD AND SCHOOL IN THE MEMORIES OF TEACHERS:
Hints for writing the history of Piauí education**

Francisco Gomes Vilanova*

*Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPI - Universidade Federal do Piauí;
Especialista em Gestão Pública e Gestão Escolar pela UFPI;
Membro do Núcleo de Educação, História e Memória – NEHME/UFPI;
Graduado em Licenciatura Plena em História pela UESPI - Universidade Estadual do Piauí,
Professor do Instituto Superior de Educação Programus – ISEPRO;
Professor da Rede Estadual de Ensino do Piauí.
E-mail: francis.vilanova@gmail.com

Editor Científico: Levi de Sousa Lima

Artigo recebido em 08/08/2015. Última versão recebida em 08/09/2015. Aprovado em 13/09/2015

Revisão: Gramatical, Normativa e de Formatação.

RESUMO

O presente trabalho é resultado de uma investigação sobre as memórias escolares de professoras aposentadas, enquanto alunas. Nesse estudo analisamos informações obtidas, a partir de depoimentos, que possibilitaram reconstruir o universo escolar que essas personagens estavam inseridas. As recordações relatadas revelam a condição de precariedade e limitações do cenário da instrução no interior piauiense nas décadas de 1950 e 1960. As interlocutoras da investigação são ex-professoras em São Gonçalo do Piauí, no terceiro quartel do século passado. Como suporte teórico, nos amparamos em autores como Burke (1992), Cardoso (2003), Ferro (2009), Freitas (2006), Halbwachs (1990), Hunt (1992), Lopes e Galvão (2010), Meihy (1998), Macedo (2006) Nunes (2003) Pollak (1989), Vainfas (1997) entre outros, cujos estudos estão relacionados às abordagens propostas pela Nova História Cultural. Como procedimento metodológico priorizamos a história oral, onde os dados coletados ocorreram a partir da aplicação de entrevistas. Considerando os dados obtidos, eles nos revelaram a desestruturação, a precariedade e a ausência de políticas públicas voltadas para a instrução pública no Piauí no período demarcado. Os relatos obtidos desvendam o cotidiano dos estudantes de primeiras letras, as imposições familiares, os métodos adotados pelos professores, o respeito às normas impostas pelos mestres e pela família. Essas informações nos possibilitaram a reconstrução do cenário da instrução na região a partir do olhar de mulheres que hoje relembram suas trajetórias escolares, numa época que eram apenas aspirantes ao magistério.

Palavras-Chaves: História da Educação. Memória de Professores. Vida Escolar.

ABSTRACT: The present work is the result of an investigation into the school memories of retired teachers as students. In this study we analyzed information obtained from interviews, which enabled the school to rebuild the universe that these characters were entered. Memories reported reveal the condition of precariousness and limitations of the scenario of education in the inner Piauí in the 1950s and 1960s. The interlocutors of the investigation are former teachers in São Gonçalo do Piauí, in the third quarter of the last century. Theoretical support, admitted him to authors such as Burke (1992), Cardoso (2003), Iron (2009), Freitas (2006), Halbwachs (1990), Hunt (1992), Lopes and Galvão (2010), Meihy (1998) Macedo (2006), Nunes (2003), Pollak (1989), Vainfas (1997) among others, whose studies are related to the approaches proposed by the New Cultural History. As a methodological procedure prioritized oral history, where the data were collected from interviews application. Considering the data obtained, they showed us the breakdown, insecurity and lack of facing public education in Piauí in the period demarcated public policy. The reports obtained reveal the daily lives of students of first letters, family charges, the methods adopted by teachers, respect the rules imposed by teachers and family. This information allowed the reconstruction of the scenario of education in the region through the eyes of women who now recall their school history, at a time they were just aspiring to teaching.

Keywords: History of Education. Memory of Teachers. School Life.

INTRODUÇÃO

Este estudo teve o intuito promover uma investigação sobre as memórias escolares de professoras aposentadas, enquanto alunas. Nesse estudo analisamos informações obtidas, a partir de depoimentos, que possibilitaram reconstruir o universo escolar que essas personagens estavam inseridas.

Na educação, pesquisadores interessadas em compreender o seu passado a partir de um novo aspecto, tem dado especial atenção aos objetos e fontes que antes eram pouco analisados pelo paradigma historiográfico tradicional. Assim, as memórias dos professores passaram a fazer parte do interesse de pesquisadores focados em recuperar aspectos da vida escolar a partir de um olhar que a pesquisa documental não pode alcançar, privilegiando as experiências pessoais dos protagonistas do cotidiano escolar.

A discussão põe os professores entre os principais sujeitos do processo educativo e do cotidiano escolar. Assim, o resgate de suas memórias é imprescindível para a compreensão da História da Educação.

Para o resgate do passado desses sujeitos é necessário —buscar novos tipos de fontes, para suplementar os documentos oficiais. Alguns se voltaram para a história oral... (BURKE, 1992, p.25). Na análise de Burke (1992), a história oral, além de outros elementos, pode ser utilizada como fonte de resgate das lembranças desses agentes escolares que mantém suas memórias adormecidas, prontas para serem lembradas.

Nesse debate, entre os elementos necessários para pesquisar as memórias de professores, a história oral é uma ferramenta indispensável. Por meio das informações coletadas através de entrevistas foi possível compreender o passado desses sujeitos, cujas recordações nos remetem as épocas em que ocupavam os bancos escolares.

Nessa direção, a verdade está na versão oferecida pelo narrador, que é soberano para revelar ou ocultar casos, situações e pessoas.

A importância da história de vida ocorre pela exposição de um conjunto muito rico e detalhado de informações apresentadas nas narrativas dos depoentes, situação pouco comum nas pesquisas construídas privilegiando apenas os registros escritos. Diante desse olhar, Prins (1998) destaca o rico conjunto de informações extraídas a partir das histórias de vida: —o que a reminiscência pessoal pode proporcionar é uma atualidade e uma riqueza de detalhes que de outra maneira não podem ser encontradas. (PRINS, 1998, p. 192).

2 MEMÓRIAS DE PROFESSORES: possibilidades para a escrita da História da Educação

A história da educação tem passado por consideráveis transformações em decorrência da ampliação de seus objetos, métodos e fontes de investigação. De abordagens meramente políticas ou pautadas nas teorias de pensadores clássicos da área, as pesquisas ganharam novos olhares que provocaram uma nova reflexão sobre o passado da educação. Esse novo olhar foi lançado sobre a escola, sua cultura, seu cotidiano, seus instrumentos, sujeitos, símbolos e valores que compõem seu universo.

Essa nova concepção de escrita da História da Educação começou a despertar o interesse dos pesquisadores vinculados às propostas da Nova História Cultural. Essa nova forma de olhar a História ampliou o leque de possibilidades de investigação os pesquisadores interessados em compreender e produzir uma revisão do passado, privilegiando variados aspectos da produção humana. Sobre esse aspecto Vainfas (1997, p.220 – 221) argumenta que:

A chamada Nova História cultural não recusa de modo algum as expressões culturais das elites ou classes —letradas, mas revela especial apreço (...) pelas manifestações das massas anônimas: as festas, as resistências, as crenças heterodoxas... Em uma palavra, a Nova História cultural revela uma especial afeição pelo informal e, sobretudo, pelo popular.

Ao refletir sobre os ditos do autor verifica-se que a Nova História Cultural privilegia as trajetórias e as versões das pessoas comuns, cujas vidas estão ligadas as atividades corriqueiras, resultantes de um cotidiano carregado de sociabilidades. Sobre esse enfoque, recorreremos às reflexões de Hunt (1992, p.02), quando ela afirma que:

[...] os historiadores das décadas de 1960 e 1970 abandonaram os mais tradicionais relatos históricos de líderes políticos e direcionaram seus interesses para a as investigações da composição social e da vida cotidiana de operários, criados, mulheres, grupos étnicos e congêneres.

Analisando essa perspectiva, é possível constatar que a proposta de investigar a história a partir de novos objetos é um dos pontos centrais dessa nova operação, porque —a nova história começou a se interessar por virtualmente toda a atividade humana (BURKE, 1992, p.11). Em decorrência dessa concepção, muitos pesquisadores voltaram seus interesses para elementos que possam contribuir para uma releitura do passado.

O debate a respeito das contribuições da Nova História Cultural para a reescrita da História da Educação tem ganhado destaque entre os pesquisadores. Lopes e Galvão (2010, p.35) assinalam que:

Na história da educação, essas tendências historiográficas também provocaram mudanças na seleção dos objetos de pesquisa e na forma de abordá-los. A cultura e o cotidiano escolares, a organização e o funcionamento interno das escolas, a construção do conhecimento, o currículo e as disciplinas, os agentes educacionais (professores e professoras, mas também alunos e alunas), a imprensa pedagógica, os livros didáticos, a infância, a educação rural, a educação anarquista etc. tem sido estudados e valorizados.

Lopes e Galvão (2010, p. 29) chamam a atenção para o estudo das relações sociais no universo escolar. Segundo elas, —outra inovação diz respeito à importância atribuída à categoria de classe social para compreender a educação no passado. Agora eram grupos sociais, e não mais indivíduos, os considerados responsáveis pelos fatos educativos. Assim, as memórias de professores e demais agentes do universo educacional representam uma coletividade porque eles estão inseridos em um grupo social e, portanto, suas lembranças são resultados do convívio coletivo.

Sobre o sentido de coletividade representados nas lembranças, Halbwachs (1990, p.26) destaca que nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós tivemos envolvimento, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estivemos sós. Como se pode notar, o uso da memória é um instrumento indispensável para a reconstrução das relações ocorridas no ambiente escolar. Através das lembranças dos professores é possível realizar novas interpretações sobre o passado da escola e de seus protagonistas.

Na concepção de Meihy (1998, p.17) —a história oral é um recurso moderno usado para a elaboração de documentos, arquivamento e estudos referentes à vida social de pessoas.

Aliada a isso, a história oral tem ganhado relevância por conta de sua capacidade de trazer para o presente, evidências que a historiografia tradicional não se encarregou de revelar, contribuindo assim para a produção de um olhar revisador do passado da educação a partir das vozes esquecidas ou mesmo silenciadas pelas pesquisas e escritos da história tradicional.

Sobre esse enfoque Pollak (1989, p. 02) considera que —ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à "Memória oficial", no caso a memória nacional.

Aliados a esta mesma concepção, os relatos de histórias de vida são bastante abordados por tornar o narrador o protagonista da trajetória abordada. Considerando essa visão, Meihy (1998, p.45) observa que —a história oral de vida é o retrato oficial do depoente.

3 METODOLOGIA

Segundo Freitas (2006, p. 18), a História Oral —é um método de pesquisa que utiliza a técnica da entrevista e outros procedimentos articulados entre si, no registro de narrativas da experiência humana. Nessa investigação, o uso desse método visa reconstruir as experiências vivenciadas por professoras que lançaram um olhar sobre o passado recordando o início de suas vidas escolares, rememorando o cotidiano dos tempos de escola, relatando convivências, revelando costumes e relembando as dificuldades e limitações presentes naquele momento.

A investigação partiu da realização de entrevistas com três professoras que se dispuseram a colaborar com esse estudo. Em cada entrevista, procuramos não apenas extrair um acumulado de informações sobre o passado vivido por elas. Diferente disso, procuramos seguir as orientações de Freitas (2006) quando ele enfatiza que a entrevista exige uma interação e uma relação de reciprocidade entre o pesquisador e o depoente.

Uma entrevista é uma troca de experiência entre duas pessoas. É uma relação que se estabelece entre pessoas com experiências, formação e interesses diferentes. São pessoas que, apesar de pertencer a diversas condições socioeconômicas e culturais, estarão dialogando e interagindo sobre uma mesma questão. (FREITAS, 2006, p.92).

Dessa forma, priorizamos as recordações de professoras aposentadas sobre o início de suas vidas escolares, por entender que suas reminiscências são fragmentos de histórias representativas de uma época, de um lugar e de um grupo social. Os relatos apresentados são lembranças das vivências das depoentes enquanto alunas, cujas vidas foram marcadas pelas limitações escolares da época. Assim, intenção é compreender, através de suas recordações, o contexto educacional do interior do Piauí nas décadas de 1950 e 1960, tendo como delimitação a cidade de São Gonçalo, situada na região do Médio Parnaíba.

Para esse estudo foram entrevistadas Dionísia de Freitas Moura (70 anos), Maximiana de Freitas Lima Moura (62 anos) e Vitória de Freitas Lima Moura (66 anos). Todas aposentadas, ex-professoras primárias, residentes em São Gonçalo do Piauí. Todas elas com infância, juventude e vida escolar relacionadas ao recorte espaço-temporal mencionado.

4 RESULTADOS E DISCURSÕES

Com relação ao contexto educacional das décadas de 1950 e 1960 foi constatado que a instrução piauiense encontrava-se desestruturada e o ensino público ainda não havia se

expandido para todo o Estado. Alguns estudiosos argumentam que tal situação era reflexo do contexto econômico da época. Segundo Cardoso (2003, p. 69) —na primeira metade da década de 1950, poucas foram as ações do poder público, no sentido de ampliar a rede escolar, dada a precariedade dos recursos orçamentários, que se agravou em face do declínio do extrativismo vegetal. No interior, entretanto, esse panorama teria se revelado ainda mais grave, chegando a alcançar a década seguinte.

Ainda a respeito da educação piauiense no período, verifica-se que o ensino não ocorria de forma sistemática, principalmente devido à omissão do poder público, situação que resultava em um ensino descaracterizado, com práticas e métodos desconexos, resultado do isolamento e da formação insuficiente da maioria dos professores responsáveis pelos primeiros anos do ensino escolar. Segundo Macedo (2005, p. 03) —o trabalho professoral era movido mais pela vocação, considerada o norte de cada profissional. O fluxo de professoras era considerado pequeno. As turmas eram heterogêneas e só funcionavam em um único turno, enfim, a prática escolar era de caráter mais experiencial.

Essa realidade é descrita na região em estudos de Meneses e Vilanova (2007, p. 204).

Segundo eles —os primeiros professores contratados na região davam aula em domicílio ou em sua própria casa, sem uso de recursos didáticos de qualquer natureza. Não havia ensino seriado. [...] a função desses professores era somente ensinar as crianças a ler e escrever.

Assim, para verificar as condições existentes na época, as memórias das depoentes são fundamentais.

Os relatos dessas colaboradoras apontam para uma realidade de muita limitação do sistema educativo piauiense. A responsabilidade de educar as crianças recaía-se sobre os pais que, por conta da falta de escola, se viam obrigados a contratar professores particulares para ensinar as primeiras letras aos seus filhos. Essa realidade é relatada no depoimento a seguir:

Comecei a estudar em 1950 em escola de professores particulares porque não tinha escola no município [Povoado Baixa do Coco]. Aí o pai que tinha como pagar, contratava um professor pra ensinar a gente. Um dos primeiros professores que eu tive foi o Mestre Saturnino que dava aula na casa dele. Era meu pai que pagava porque aqui não tinha escola. Acho que era mais ou menos em 1950. (Dionísia Moura).

Vitória de Freitas, além de relatar que sua vida escolar iniciou com aulas domiciliares ministradas com professor particular contratado pelo próprio pai, ela também menciona os procedimentos de ensino aplicados pelos mestres da época.

Eu comecei estudar foi aqui mesmo em casa. Meu pai contratou o Mestre Raimundo para ensinar a gente a ler, escrever e tirar conta. Ele era do Maribondo, perto de Angical e já era velho. Ele passava a semana aqui e ia pra casa dele no final de

semana. Ele ensinava só o ABC. Era nas cartilhas. O professor ensinava a cartilha e a tabuada. Depois tinha o argumento¹. Era quando ele ia fazer as pergunta. Ele pedia pra gente assuletrar [soletrar] as palavras e somar, multiplicar e assim por diante. Quem errava ia pra palmatória. (Vitória de Freitas).

¹Expressão que corresponde a uma espécie de avaliação e verificação de aprendizagem.

Através do depoimento é possível perceber a delicada condição do sistema de ensino, marcado pela omissão do poder público e pela presença de castigos físicos, como instrumento metodológico, mediante o uso da palmatória.

Segundo Meneses e Vilanova (2007) em meados de 1951 o poder público, através da Prefeitura de Regeneração, teria instalado a instrução pública na Baixa do Coco.

No início da década de 1960 a situação ainda era muito parecida. A fala de outra depoente que iniciou sua trajetória estudantil no referido período mostra poucas alterações na educação. Ela nos diz o seguinte:

A primeira escola que eu estudei foi lá perto da casa do Seu Cícero Mundoca. [...] Era uma escola bem pequena e a gente estudava era nas cartilhas. Já era tudo pronto. A gente estudava um pouco de tudo. Tinha português, matemática, a tabuada e tinha outras coisas. É que eu não lembro direito. Já faz muito tempo. Eu estudei lá até o 4º ano e parei porque era só o que tinha aqui. (Maximiana de Freitas).

A Escola Isolada da Baixa do Coco funcionamento nas proximidades da residência do Senhor Cícero Pires, conhecido na região como Ciço Mundoca. Era uma escola de estrutura simples, seguindo os padrões das escolas isoladas da época. Em geral, era um ambiente de apenas sua sala de aula, um pátio de recreação e um espaço destinado a privacidade do professor.

Imagem 01- Alunos da Escola Isolada da Baixa do Coco (São Gonçalo do Piauí) – 1959/1960.



Fonte: Acervo pessoal de Maria Soares Macedo – professora da referida no final dos anos 1950 e início dos anos 1960.

Com relação aos métodos de ensino, os relatos indicam que a escola funcionava de forma multisseriada, a mesma sala de aula era composta de alunos de idades e séries diferentes. Esta situação é sinalizada nas memórias das nossas personagens quando se referem à metodologia utilizada no ensino dos alunos. A respeito dessa questão, um de nossos sujeitos relembra o seguinte:

Aqui [Baixa do Coco, atual Cidade de São Gonçalo] era assim: a gente aprendia por livro. Cada livro era como se fosse uma série. Quando a gente aprendia o livro, passava de ano. Aprendia a lição e tinha que fazer as atividades. Quando agente aprendia aquela cartilha estava pronta pra ir pro outro ano. (Dionísia Moura).

Outra professora faz revelação parecida em suas lembranças, ao destacar que o ensino era realizado mediante a aprendizagem por meio de livros, onde os alunos eram avaliados mediante a aprendizagem dos referidos manuais e não de forma seriada. A respeito do assunto abordado, a professora relata o seguinte:

Naquele tempo não tinha negócio de série. A gente estudava era pelos livros. Parece que cada livro estudado era como se fosse um ano. Só sei que ia até o 4º ano e depois, como não tinha mais série, a gente voltava a estudar a mesma coisa para recordar ou então tinha que ir estudar em outro lugar porque aqui era só isso. (Maximiana de Freitas).

Durante os anos 50 e 60 do século XX a instrução em São Gonçalo carregou as peculiaridades apresentadas nos relatos. Dessa forma, para prosseguir estudando era necessário deixar o lugar para prosseguir nos estudos. Por conta disso, era fato comum o encerramento da vida escolar, por parte de muitos estudantes, quando da conclusão do ensino primário. Todavia, as colaboradoras nos revelam que, conseguiram continuar estudando mesmo diante dessas limitações. Analisando esse cenário da educação piauiense, Cardoso (2003, p. 71) verifica que:

A maioria dos municípios oferecia apenas o ensino primário, de maneira que, para a população feminina e masculina que buscava dar continuidade aos estudos, Teresina figurava como a cidade que oferecia dentro do Estado as maiores possibilidades de acesso a escola em todos os níveis.

Segundo Dionísia de Freitas, para continuar estudando a família tinha que enviar os filhos para as cidades vizinhas ou mesmo para a capital. De tal modo que, para cursar o ensino ginásial, ela nos faz a seguinte revelação:

Aí, daqui [Baixa do Coco, hoje São Gonçalo do Piauí] eu fui estudar em São Pedro, município vizinho, porque aqui não tinha mais escola para mim. De São Pedro fui para Amarante para fazer o 5º ano e o teste de admissão para ingressar no ginásio, porque na época tinha teste, como se fosse um vestibular, pra poder estudar o ginásio². Lá em Amarante eu estudei na escola Da Costa e Silva e fiz até a 8ª série e lá, eu coleí grau. Nessa época eu morava com um tio meu, o Tio Romão. (Dionísia Moura).

²Essa era a expressão usada na época para denominar o nível de ensino equivalente ao atual Ensino Fundamental.

Outra situação comum, assinalada nos depoimentos, era a interrupção da trajetória escolar para a constituição do matrimônio. Os casamentos ocorriam de forma prematura, pois as famílias preferiam que as filhas casassem com o primeiro pretendente aprovado pelos pais. Por conta dessa cultura, o casamento era o sonho de muitas moças que priorizavam o investimento na vida afetiva em detrimento da carreira escolar. Esse assunto é discutido por Cardoso (2010, p. 13). Segundo a autora, —parte das mulheres que viveu a juventude no referido período, ainda que incentivada a investir em outros projetos, consideravam que a realização pessoal e afetiva seria vivida no casamento.

Esse quadro, aliado a inviabilidade de estudar em outro município é verificado nas declarações de uma das colaboradoras. Segundo ela, após ter concluído o ciclo escolar ofertado no município, a retomada aos bancos escolares só ocorreria alguns anos mais tarde, após ter casado. Ela faz o seguinte relato:

Depois disso [de ter cursado o 4º ano] eu casei. Casei com 15 anos e só depois foi que eu voltei a estudar. Voltei a estudar o 5º ano e depois comecei a estudar a 5ª série do ginásio. Foi assim: eu fiz um teste e passei pro 5º ano. No 5º ano eu fui estudar em Angical [cidade vizinha]. Lá eu fiz meu ginásio todinho. A gente ia todo dia prá lá de carro. Era um carro da prefeitura. A D10 ia cheia. Era muito aluno. Era cansativo, mais também era muito bom porque aquilo era como se fosse uma diversão e todo mundo gostava mesmo de ir. (Maximina de Freitas – 62 anos)

Situação semelhante foi vivenciada por Vitória de Freitas, que descreveu as recordações a seguir:

Eu passei dois anos em Regeneração porque o papai disse que eu ia estudar lá. Aí, eu fui e estudei na Escola Alberto Leal Nunes. Eu morava com o tio Joaquim. Aí, quando eu vim de férias apareceu o Seu Dito [Benedito, esposo falecido] que começou a querer namorar comigo. Todo dia ele vinha aqui pra casa e ficava conversando com o papai. Minha vó ficava dizendo que ele ia me enganar como ele enganava as outras. Meu pai dizia que com ele a coisa era diferente. Aí ele já dizia que tava namorando comigo. Quando foi pra mim voltar pra Regeneração, no dia d'eu voltar, o Seu Dito vêi aqui pra casa. Aí o papai chamou ele e perguntou qual era a pretensão dele comigo: se ele queria casar mesmo ou só queria enrolar. Aí ele disse que queria casar. O papai me chamou e disse: se você quisesse casar com ele, você não vai mais voltar pra Regeneração. Aí eu disse que queria e fiquei por aqui mesmo.

As memórias afloradas nesse relato assinalam para as limitações impostas pelos pais que colocava as questões familiares em primeiro plano, priorizando o casamento e a consequente interrupção da trajetória escolar da filha. Porém, como foi visto, essa condição não representou uma barreira intransponível, capaz de interromper a trajetória dessas aspirantes a docência.

Com relação ao cotidiano escolar e a relação entre professores e alunos. Os depoimentos evidenciam o respeito que os alunos tinham para com seus mestres. As lembranças descritas por Vitória de Freitas nos leva a refletir sobre a escola como extensão da família. Em seu testemunho ela destaca que o respeito dos alunos aos professores era originário das orientações familiares. Segundo ela, os pais delegavam aos mestres as mesmas funções de chefes de família, nos levando a perceber que as relações escolares apresentavam características adquiridas na família.

Todo mundo respeitava muito a professora. Os meninos eram muito diferente de hoje. Ninguém corria, nem brigava, nem xingava a professora. Todo mundo obedecia. Quando a professora falava todo mundo obedecia, porque os pais, eles falava era sério com a gente. Meu pai dizia pros professor: aqui você é pai e mãe, pode punir, botar de castigo que tem meu apoio. (Vitória de Freitas)

O discurso mostra que, culturalmente, a escola era vista como uma extensão do lar e da família. Outro depoimento mostra que, a disciplina e o respeito às normas prevaleciam em todos os momentos da rotina escolar. O relato a seguir retrata esse fato:

Os alunos eram mais comportados. Eles entravam na escola em fila e cantavam o hino nacional no pátio, todos os dias. Depois ia pra sala de aula, também em fila. Tinha brincadeiras, mas todo mundo era muito obediente. Na hora do recreio tinha as brincadeiras, menino brincava como menino, menina com menina. Mas tudo era direitinho. Quando terminava, todo mundo retornava pra sala de aula e continuava suas atividades. (Dionísia de Freitas)

Com relação às brincadeiras e ao percurso casa-escola/escola-casa, a narrativa a seguir proporciona uma visão sobre as façanhas que ocorriam durante o trajeto feito pelos alunos. Eles aproveitavam esse deslocamento para se divertirem através do contato de com os colegas e com as condições naturais do meio.

Todo mundo ia junto, a pé. A gente ia brincando pela estrada, procurando fruta pra comer. Lá perto da casa do Marico [Senhor Mariano] tinha um pé de taturubá³. Também tinha uma baixa com um riacho lá no final da Rua dos Pires. A gente passava todo dia brincando na água. Na volta, a gente corria pra pegar taturubá porque a gente voltava com muita fome e era muito longe de casa. (Vitória de Freitas)

³ Fruta existente em grande quantidade nas matas da região.

Esse olhar sobre a rotina escolar é reforçado por Nunes (2003, p. 16). Segundo ela, lembrar-se do espaço escolar é lembrar também do entorno, do trajeto que leva da casa a escola, percurso de descoberta e manipulação, de aventuras e perigos, de brincadeiras e desafios. Nessa perspectiva, a autora discute a relevância dessas lembranças, destacando sua importância como símbolo de um grupo social pertencente a uma geração.

Nascimento e Ferro (2009, p.74) comungam dessa opinião ao afirmarem que:

As histórias de vida são concebidas como fonte, não ingênuas ou aleatórias, mas como resultados da experiência social, onde a subjetividade encontra sua potencialidade e sua forma de contribuição na valorização dos sujeitos e processos sociais, desenvolvidos e protagonizados em contextos específicos de formação e interação.

Diante dessas informações, o que pode parecer um conjunto de recordações ingênuas e despretensiosas, representa, na verdade, um manancial de informações reveladoras sobre a educação no interior piauiense que pode colaborar para repensar um passado marcado pelas limitações e ausência de políticas públicas voltadas para a instrução.

Nas recordações descritas nessa investigação constataram-se as dificuldades enfrentadas por essas professoras e a precária condição da instrução pública piauiense, situação que obrigava as próprias famílias a patrocinarem – quando possível – a instrução de seus filhos. Além disso, as memórias das interlocutoras nos mostram outros aspectos da cultura escolar e familiar da época, possibilitando uma releitura da instrução do interior piauiense nos meandros dos anos de 1950 e 1960.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dessa análise, percebe-se que as abordagens sobre histórias de vida e memórias de professores têm se revelado um campo fértil para o lançamento de novos olhares que possam apontar novas evidências capazes de contribuir para o debate e para a reescrita da história da educação. É inegável a importância do uso da memória para promoção de uma revisão dos temas, métodos, fontes e procedimentos usados nas investigações do passado educativo.

De modo que, esse movimento de investigação e escrita da educação privilegiando fragmentos de memória tem cooperado para a elaboração de uma revisão da história das escolas, do seu cotidiano e da trajetória dos agentes desse universo. As recordações desses sujeitos revelam a ponta de um iceberg que guarda muitas histórias ainda não ditas, ocultas pelo silêncio ou pelo esquecimento. Porém, prontas para serem exploradas.

REFERÊNCIAS

BURKE, Peter. (Org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. – São Paulo: Editoria da Universidade Estadual do Campinas – UNESP, 1992.

CARDOSO, Elizangela Barbosa. **Múltipla e singulares: história e memória de estudantes universitárias em Teresina (1930 – 1970)**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2003.

CARDOSO, Elizangela Barbosa. **Identidades de gênero, amor e casamento em Teresina (1920 – 1960)**. 2010. 535 f. Tese (Doutorado em História) Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História. Niterói, 2010.

FÉLIX, Loiva Otero. **História e Memória: a problemática da pesquisa**. Passo Fundo: Ediuf, 1998.

FREITAS, Sonia Maria de. **História Oral: limites e procedimentos**. 2. ed. – São Paulo: Associação Editora Humanista, 2006.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. – São Paulo: Vértice. Editora Revista dos Tribunais, 1990.

HUNT, Lynn. **A nova história cultural**. – São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LOPES, Eliane Marta Teixeira Lopes; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **Território plural: a pesquisa em história da educação**. – 1. Ed. — São Paulo: Ática, 2010.

MACEDO, Marly. **Memórias de professoras primárias teresinenses e suas histórias – 1960/1970**. Disponível em:< http://www.ufpi.edu.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/eventos/2006.gt10/GT10_2006_12.PDF>. Acesso: 30set2012.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. 2ª Ed. Edições Loyola, São Paulo, 1998.

MENESES, José Virgolino; VILANOVA, Francisco Gomes. **São Gonçalo do Piauí – apontamentos históricos e geográficos: dos primeiros tempos à atualidade**. Teresina: Tergraph, 2007.

NASCIMENTO, Francisco de Assis de Sousa; FERRO, Maria do Amparo Borges. Pesquisa qualitativa: história oral e a investigação das histórias de vida. In: FERRO, Maria do Amparo Borges; NASCIMENTO, Francisco de Assis de Sousa; SOUSA, Lourenilson Leal de. (Org.). **História da Educação: novos olhares, velhas questões**. — Teresina: EDUFPI, 2009.

NUNES, Clarice. Memória e história da educação: entre práticas e representações. In: LEAL, Maria Cristina; PIMENTEL, Marília Araújo Lima. (org.). **História e memória da Escola Nova**. Edições Loyola. – São Paulo, 2003.

POLLAK, Michae. **Memória, esquecimento, silencia.** Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989.

PRINS, Gwyn. História oral. In: BURKE, Peter. **A escrita da história: novas perspectivas.** – São Paulo: Editoria da Universidade Estadual do Campinas – UNESP, 1992.

VAINFAS, Ronaldo. História das mentalidades e história cultural. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. (Org.). **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia.** – Rio de Janeiro: Campus, 1997. (Versão digitalizada).

FONTES ORAIS

MOURA, Dionísia de Freitas. Entrevista concedida a Francisco Gomes Vilanova. São Gonçalo do Piauí, 10 de outubro de 2012.

MOURA, Maximiana de Freitas Lima. Entrevista concedida a Francisco Gomes Vilanova, 05 de outubro de 2012.

MOURA, Vitória de Freitas Lima. Entrevista concedida a Francisco Gomes Vilanova, 02 de outubro de 2012.